

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO IV Nº 14 VIANA-MA, NOVEMBRO DE 2006



Editorial

AS ELEIÇÕES E OS ELEITOS

Acabamos de assistir às eleições gerais em nosso Estado e em todo o país, quando foram eleitos o presidente da República, o governador, os deputados federais, os deputados estaduais e um senador.

Particularmente, em relação ao nosso município, destacamos o elevado número de votos dados a muitos candidatos a deputados estaduais e federais que restaram eleitos.

Como nosso sistema eleitoral não prevê a vinculação dos eleitores com os candidatos eleitos, como em algumas cidades americanas, essa votação dada pelos eleitores vianenses não terá força de suscitar a certeza de que teremos defensores dos nossos interesses na Assembléia Legislativa e na Câmara Federal.

Resta apenas a expectativa de que os candidatos votados aqui criem vínculos mais diretos com nossa comunidade e se disponham a colaborar com o executivo municipal em prol dos nossos interesses de maior desenvolvimento. Esse é o principal motivo por que se luta em favor do voto consciente e espontâneo. Se o voto foi comprado, não gera obrigações para o comprador. É uma mercadoria qualquer, sem dignidade.

Esperamos que os compromissos assumidos por esses deputados eleitos, tenham suficiente força ética para compeli-los a se empenhar em defesa de nossas reivindicações. O lago de Viana, por exemplo, não é um problema só local, mas de toda a Baixada Maranhense, de todo o Maranhão.

Precisamos de vozes que denunciem na Assembléia Legislativa e na Câmara Federal a situação de perigo em que se encontra nosso lago e todo o ecossistema do rosário de lagos do Maracu, que alimenta uma vasta população do nosso e de outros municípios.

No momento em que o mundo todo se volta para a questão ambiental e que os gritos de alerta surgem dos mais diferentes recantos do planeta, não é possível que nossos representantes não assumam a luta em defesa de nossa ecologia. Os campos inundáveis da Baixada, como zona úmida de importância internacional, especialmente como *habitat* de aves aquáticas ou refúgio de aves migratórias, estão protegidos pela *Convenção Internacional de RAMSAR*, da qual o Brasil é signatário.

A criação desordenada de búfalos continua causando prejuízos ao nosso sistema ambiental, com ofensa, inclusive, às leis estaduais que protegem o meio ambiente. Por falta de uma política pública para esse setor, continuamos sem ouvir respostas às nossas reivindicações.

Nossos líderes políticos, responsáveis pela votação dos eleitos, deveriam mostrar a eles a responsabilidade que se extrai do resultado das eleições, exigindo uma postura de compromisso e solidariedade com nosso povo, com nossos anseios e preocupações.

Já estamos cansados de frustrar nossas esperanças a cada eleição que se realiza; já estamos cansados da indiferença dos eleitos que depois de receberem nossos votos se esquecem dos votantes e seus problemas.



Tipo clássico de meia morada colonial com fachada azulejada, este prédio constitui-se hoje numa das raras relíquias do patrimônio histórico arquitetônico de Viana. Sua construção, datada de 1899, e sua localização à Rua Antônio Lopes, nº 193, próximo do Canto Grande, atestam a importância comercial daquele trecho, na segunda metade do século XIX, quando Viana ainda gozava o prestígio de 3º município mais importante do Maranhão.

CASA DE MANOEL PINHEIRO

As paredes internas da casa apresentavam uma franja (ou barra) com pintura de flores, que bem refletiam o gosto e a sofisticação dos tempos coloniais. No passado, o imóvel pertencia ao Sr. Honório Belo e sua esposa, Mariana Salgado Belo. Sem filhos, o casal resolveu adotar três crianças: Zeca, Rosa e Sofia. Com o passar do tempo, Zeca Belo mudou-se para São Luís; Rosa se casou e Sofia faleceu.

Anos depois, a casa tornou-se a residência do Sr. Raimundo Pereira, apelidado de “Capão”, que tinha fama de ser muito rico.

Outras famílias habitaram esta bela meia morada, como a de Vicente Carvalho, antes de seu atual proprietário. Todos, felizmente, souberam conservá-la intacta, apesar de seus 107 anos de existência. Atualmente, alguns de seus preciosos azulejos portugueses apresentam-se desgastados pelas intempéries do tempo, o que é natural.

Apenas não se justifica a fixação de cartazes de propaganda política numa fachada já tão fragilizada e de tamanho valor histórico não apenas para a cidade, como inclusive para o acervo azulejar de todo o Estado. Comprovando tal importância, este imóvel aparece com destaque na página 46, do recém-lançado **Catálogo dos Azulejos das Cidades Históricas do Maranhão**.

MÚSICOS VIANENSES SERÃO HOMENAGEADOS PELA AVL



A música sempre esteve presente na História de Viana. Em alguns momentos com maior intensidade e destaque, em outros, de forma mais discreta.

Para se ter uma idéia, no ano de 1866, o *Almanak do Maranhão* já registrava que, no setor de artes e ofícios, a cidade de Viana dispunha de 9 alfaiates, 9 carpinteiros, 2 ferreiros, 11 ourives, 4 marceneiros, 3 serralheiros, 7 sapateiros e 21 músicos. Prova incontestável que 150 anos atrás, a profissão de músico já era a mais difundida nesta cidade.

Em épocas mais recentes (do começo à metade do século XX), a cidade produzia tão grande contingente de profissionais da música que chegava a exportá-los, às dezenas, para a capital e outros centros culturais mais desenvolvidos. Maestros conceituados formavam levadas de jovens músicos a cada nova geração e compositores renomados esbanjavam talento em composições dos mais diversos gêneros.

Nos últimos tempos – e isso é notório – esses profissionais não foram tão valorizados e estimulados como no passado mais remoto. (Por esse motivo quase se perde uma das mais importantes facetas da nossa cultura.) Mesmo assim, seus instrumentos musicais – fossem eles de sopro, corda ou percussão – não deixariam de estar presentes nos momentos festivos da coletividade. Com seus acordes sonoros e melodiosos, esses profissionais da arte musical nunca deixaram de embalar os sonhos de progresso e felicidade do povo vianense, ao longo desses dois séculos e meio de caminhada.

Embora esmaecida, graças ao trabalho e perseverança

de um pequeno grupo, a música vianense não se extinguiu completamente. Nas últimas décadas, com pouco ou quase nenhum apoio efetivo, mas por desvelado amor à arte, João Lobato, Tarcísio Neves Gaspar, Astolfo Costa Amorim e alguns companheiros tentam passar, às novas gerações, a familiaridade com as notas musicais que fizeram deles e de tantos outros excelentes profissionais.

Atualmente, a Escola de Música já possui sua sede própria, mantida pela Prefeitura Municipal. As aulas, antes ministradas nas residências dos professores, agora acontecem num local mais confortável e apropriado. Jovens talentos, aspirantes à carreira, não faltam em Viana. Mas ainda faltam instrumentos musicais para muitos alunos. Falta também melhor assistência aos mestres e, principalmente, maior apoio por parte da comunidade.

É preciso entender que só com o apoio de todos – poder constituído e coletividade – o trabalho abnegado desses profissionais poderá gerar frutos (em quantidade e qualidade) capazes de resgatar, num futuro breve, a tradição da nossa boa música, elevando-a ao seu verdadeiro patamar. Somente assim Viana reconquistará, definitivamente, o título de “Cidade dos Músicos”.

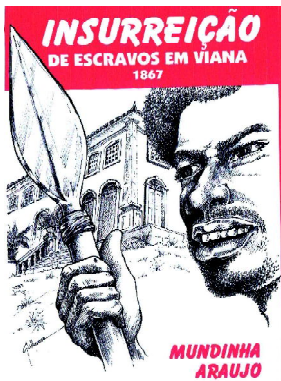
Em reconhecimento ao talento e trabalho dessa classe, no próximo sábado (dia 18), às 20 horas, na Igreja Matriz, a Academia Vianense de Letras estará prestando merecida homenagem a todos esses profissionais do presente e do passado que não mediram esforços nem sacrifícios para dignificar o nome da música vianense.

Livro sobre insurreição de escravos em nova edição

Na reunião solene da Academia Vianense de Letras, programada para o dia 18 (sábado), às 20 horas, na Igreja Matriz, acontecerá o lançamento do livro *“Insurreição de Escravos em Viana – 1867”*, cuja reedição só se tornou possível graças à iniciativa da AVL e ao apoio da Prefeitura Municipal.

A citada obra relata um dos mais importantes e cruciais momentos da história sócio-político-econômico de nossa cidade, motivado pela deflagração de um movimento insurrecional de escravos, o qual atrairia, na época, as atenções de todo o Estado (principalmente das autoridades constituídas da capital) para o desenrolar dos acontecimentos em Viana.

Em 1867, sob o regime monárquico e governo do Imperador D. Pedro II, o Brasil estava em plena guerra contra o Paraguai. A Província do Maranhão era dirigida pelo presidente Lafayette Rodrigues Pereira e os principais municípios deviam remeter, periodicamente, grupos de vo-



luntários para o campo de batalha. Com a saída constante de levadas do contingente masculino, as populações das vilas e cidades ficavam desfalcadas de homens adultos, reduzindo-se assim, a grande maioria dessas populações, a mulheres, velhos e crianças. Os escravos, subjugados ao trabalho árduo das lavouras, perceberam que essas circunstâncias eram propícias para

uma revolta armada contra os antigos senhores.

Completamente esquecida pela história oficial, não fosse este oportuno trabalho de pesquisa de Mundinha Araújo, a “rebelião dos pretos de Viana” tem alcançado, desde que o livro foi lançado em 1994, citações nas mais diversas obras que tentam melhor esclarecer a postura do negro frente a tão cruel forma de dominação. Alguns estudiosos do assunto chegam mesmo a considerar o episódio vianense como um dos levantes de escravos mais importantes já registrados no Brasil.

A leitura do livro torna-se, portanto, obrigatória para quem se interessa pela história de nossa cidade. Segundo a autora, o declínio econômico de Viana começaria já naquele ano de 1867, como consequência direta da propalada revolta, a qual acarretaria sérios prejuízos para as lavouras de algodão, arroz, milho, açúcar e farinha de mandioca, principais produtos então exportados pelo município.



Conceição Raposo ao lado da conselheira Solange Buzar

Cabral Marques, José Ribamar Seguintes (da recém-fundada Academia Pinheirense de Letras), Margarida Maria do Rêgo Barros Pires (*in memoriam*) e Maria Izabel Pereira Rodrigues.

ACADÊMICA HOMENAGEADA

Em cerimônia realizada na sede da Academia Maranhense de Letras, em São Luís, na noite do último dia 29 de setembro, a acadêmica Maria da Conceição Brenha Raposo foi uma das oito personalidades agraciadas com a medalha do **“Mérito Educacional Professora Ana Maria Saldanha”**, outorgada pelo Conselho Estadual de Educação do Maranhão.

Prestigiada por numeroso público, a solenidade de outorga da medalha foi presidida pelo Governador José Reinaldo Tavares (o qual encabeçava a lista dos homenageados), e contou ainda com as presenças do Presidente da Academia Maranhense de Letras, o escritor Joaquim Itapary, do Secretário de Estado da Educação, Lourenço Tavares Vieira da Silva (igualmente homenageado), entre outras autoridades.

Além da acadêmica Conceição Raposo, também receberam a medalha os eméritos professores Edmar Bastos Ferreira da Silva, José Maria

AVL GANHA HINO

A Academia Vianense de Letras foi brindada recentemente com um hino, o qual deverá ser executado pela primeira vez em sua reunião solene, no próximo dia 18 de novembro, na Igreja Matriz.

Com música do acadêmico Raimundo Nonato Nunes Mendonça (Seu Nunes) e letra de Luizinho Gomes, o hino será executado sob os acordes da Banda Maestro José Piteira, cujos músicos coincidentemente figuram entre os homenageados da AVL nessa noite festiva.

É provável que esta seja a única Academia de Letras do Maranhão a possuir seu próprio hino. Notável privilégio de quem faz parte de uma cidade de músicos.

Abaixo a poética letra da composição:

HIPO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

Música: Seu Nunes
Letra: Luizinho Gomes

I	III
Academia Vianense de Letras Nobre motivo de nossa reunião Que será sempre abençoada Pela Virgem da Conceição	Teus imortais são vultos brilhantes Que pesquisam com amor e paixão Tua história, Oh, Viana! Jóia rara do Maranhão.
BIS	estribilho
II	IV
Viana, Atenas Brasileira Notáveis são teus filhos no saber Orgulham nossa terra espalhando Cultura e alegria ao viver	Oh! Viana, terra querida, De povo inteligente e varonil Rica pérola engastada És o orgulho do nosso Brasil
estribilho	estribilho

ERRATA: * No último número deste jornal (edição nº 13), na matéria intitulada **“A história do galo do Canto do Galo”**, dissemos, por equívoco, que o 1º roubo do galo ocorreu no ano de 1954. Na verdade, conforme atesta o autor da matéria, Dr. José Pereira Gomes, o primeiro desaparecimento do galo aconteceu em 1946, quando ele ainda era estudante em São Luís e passava suas férias em Viana.

Filetes de Esperança

***Vitória Santos**

Em seu exemplar de nº 13 o *Renacer Vianense* publicou três cartas de pessoas que romperam com o silêncio existente diante dos enfoques do nosso jornal a respeito da história do povo vianense, de seus valores e de suas tradições. Sentimos uma grande alegria com a manifestação desses leitores e uma esperança ainda maior, porque vemos nesses depoimentos o acolhimento de nossas idéias e um alento às nossas expectativas. São declarações assim que impulsionam nossa entidade a prosseguir na luta pela preservação de tudo o que de bom, diz respeito a nossa terra.

Cremos que as cartas expressam o sentimento dos vianenses, em relação ao cuidado que todos devemos ter para resguardar nosso patrimônio e defender nossa cultura tão rica e variada, carente apenas de uma divulgação maior (tarefa esta que a Academia Vianense de Letras tem se dedicado com afinho nos seus quatro anos de existência). Somos um povo rico em tradições. Berço de cultura no passado, Viana gerou filhos que muito dignificaram o nome da terra (e ainda os gera, no presente). Falta apenas que cada cidadão vianense se conscientize de tamanha importância e se una a todos os que desejam ver nossa cidade enaltecida e respeitada em todos os quadrantes do Estado.

Somos uma cidade histórica, prestes a completar 250 anos. Temos uma memória a ser preservada e se fizermos isso no presente, garantiremos uma herança cultural das mais valiosas para as futuras gerações.

As cartas recebidas, portanto, renovam nossas esperanças e nos enchem de alegria, porque reafirmaram em nós a certeza de estarmos no caminho certo, quando buscamos sensibilizar os vianenses para a importância da conservação e preservação dos nossos valores culturais.

É evidente que o mérito maior desse trabalho cabe ao nosso presidente, porque é vianense de corpo, alma e coração. Juntamente com outros conterrâneos, Luiz Alexandre Raposo tem sido incansável na pesquisa de personagens, fatos e documentos dignos de registro, para a valorização e enaltecimento da história de Viana.

Muito nos alegraram as declarações de Enó Botelho (antiga colega de ginásio, no velho e querido Antônio Lopes). Como funcionária pública que é, sempre teve a maior presteza, cada vez que dela necessitamos, para resolver qualquer problema relacionado ao nosso município. Do depoimento do Sr. Aldir Penha Costa Ferreira, não foi menor nosso contentamento em constatar o amor dispensado a esta cidade por muitos que, como ele, embora não vianenses de nascimento, aqui residiram e aqui deixaram escritas partes de suas histórias pessoais de vida.

Quanto à professora Fátima Mendonça, ressaltamos a grande profissional que é no magistério de nossa cidade. O professor, como sabemos, tem a sublime missão de transmitir conhecimentos e valores no decorrer de seu trabalho. E Fátima sabe fazer isso muito bem. Sempre presente nas reuniões da Academia, com sua carta ratifica a seriedade de seu compromisso na formação dos cidadãos conscientes e livres desta nossa terra.

Finalmente agradecemos a todos aqueles que têm manifestado seu apoio pelo trabalho desenvolvido pela Academia Vianense de Letras. Tenho ouvido, pessoalmente, inúmeros depoimentos enaltecendo o trabalho de nossa Academia, principalmente da classe dos professores. Muitos nos procuram em busca dos exemplares do *Renacer Vianense*, considerado (por eles) como a maior fonte de informações, no presente, sobre a história de Viana.

**Professora e titular da Cadeira nº 21 da AVL*

Carta do leitor

Brasília, 10 de setembro de 2006.

Senhor Presidente,
Chegou-me às mãos, por intermédio de um amigo, a última edição do *Renacer Vianense*. Ainda não havia lido esse jornal, nem tinha conhecimento da fundação da Academia Vianense de Letras.

Fiquei satisfeito em saber que minha terra natal, que deixei há mais de dez anos, tenha atingido essa evolução cultural, em homenagem ao seu passado glorioso.

Instigado pela novidade e pela curiosidade, procurei obter, junto à colônia vianense radicada no Distrito Federal, maiores informações sobre a Academia: há quanto tempo existia, quem eram seus membros, quais as atividades concretas em prol do desenvolvimento da cultura local etc.. Entristeceu-me descobrir, porém, que esta entidade ainda não possui um prédio próprio em nossa cidade.

Lamento que os dirigentes municipais ainda não tenham tido a sensibilidade de doar um prédio para instalar a sede da Academia. Será que eles não percebem que o investimento em cultura é tão importante quanto qualquer outro? Será que não perceberam o valor que representa uma academia de letras para uma cidade como Viana, para seus jovens estudantes, para a classe dos professores e ao povo em geral?

Mesmo à distância, recebam nossos aplausos e contem com nosso apoio. Viana precisa de pessoas abnegadas como vocês. E parabéns por essa feliz iniciativa!

Manoel Santos da Silva
Economista

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

JOSÉ ANTONIO CASTRO

Vianense de nascimento e de coração

Luiz Alexandre Raposo

Auxiliado pelos companheiros Pedro Mendengo e Geraldo Majela, ele vem promovendo o congresso cultural de Viana há precisamente uma década. Sua determinação e poder de luta são inquebrantáveis, malgrado os obstáculos surgidos a cada ano, pois não é fácil promover e organizar um evento desse porte (principalmente numa cidade como Viana), quando se reside e trabalha a milhas de distância.

Para quem partiu há mais de 40 anos, José Antonio Rosa Castro é um perfeito exemplo de abnegação e extremado amor ao berço natal. Advogado, casado (pela 2ª vez) com Danúbia, pai de três filhos (Christiane, Alexandre e Larissa) e avô de Luíza, domiciliado e residente no Rio de Janeiro, ele é um desses raros vianenses que, tendo deixado sua cidade em busca de realização profissional, retorna periodicamente não apenas para rever paisagens de gratas recordações, amigos ou parentes, mas para tentar fazer algo em defesa de seu lugar de origem.

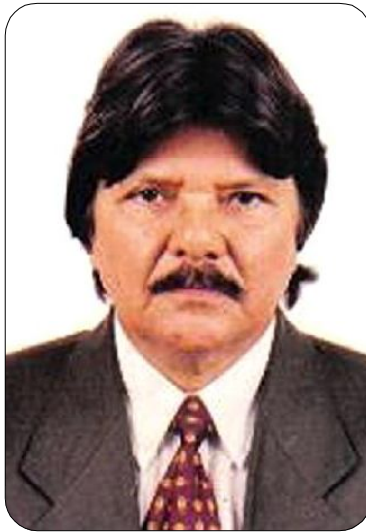
Filho primogênito de Djalma Costa Castro e Ana Maria Rosa Castro, José Antonio nasceu no sítio Santa Cruz (Careca), propriedade do avô materno, Luiz Rosa, no dia 29 de janeiro de 1943. Cedo passou a ajudar o pai nas atividades comerciais e pequenas tarefas domésticas. Alfabetizado pela própria mãe, tornar-se-ia aluno do legendário mestre Egídio Rocha (1952 a 1955),

antes de ingressar na Escola Paroquial “D. José Delgado”, onde concluiria o curso primário.

Como a maioria dos meninos vianenses daqueles tempos, paralelo aos estudos, também se iniciou no aprendizado musical, tendo como professores José Heme-tério e Luís Lima. Mais tarde, frequentaria a escola de música mantida por Seu Nunes, dedicando-se aos instrumentos de sopro clarineta, requinta e saxofone alto. A estréia oficial do novo instrumentista aconteceu aos 18 anos, como integrante da Banda “São Benedito” do Sr. Ozias Mendonça, na festa de São Benedito de 1961.

Nesse mesmo ano ingressaria no Ginásio “Professor Antônio Lopes”, integrando assim a primeira turma daquela instituição de ensino. Na metade da 2ª série, Zé Antonio (como ficaria conhecido em Viana) mudou-se para São Luís, fazendo ali uma estada de poucos meses antes de partir, em 1963, para o Rio de Janeiro.

Na Cidade Maravilhosa enfrentaria uma maratona de atividades na luta por um lugar ao sol. Enquanto



concluía o antigo curso ginasial no Colégio Estadual Resende, foi vendedor de livros didáticos e auxiliar de escritório, até ingressar para o Exército, em janeiro de 1964, poucos meses antes do golpe militar que mudaria os rumos políticos do país.

Dois anos depois, deu baixa no Exército. Ao retornar à vida civil, trabalhou como escriturário do Banco Mercantil de São Paulo S/A. Em 1969 terminou o 2º grau, formando-se em Contabilidade, no Colégio Comercial Santa Bernadete. O ingresso na vida universitária só aconteceria cinco anos depois, em 1974, ao cursar a Faculdade de Direito Cândido Mendes e graduar-se em 1978. Um ano e meio após a colação de grau era aprovado na Ordem dos Advogados do Brasil – seção Estado do Rio de Janeiro.

Enquanto conquistava seu espaço em terras fluminenses, Zé Antonio foi mandando buscar, gradativamente, cada um de seus irmãos. Em 1981, depois da morte prematura de seu genitor, sua mãe foi juntar-se, definitivamente, aos filhos. Hoje, quase to-

dos os irmãos Castro residem no Rio e a maioria trabalha na firma familiar “Técnica Instrumentação e Controle Ltda.”, prestadora de serviços para sistemas de centrais de ar condicionado e de instalações industriais.

Fiel às suas origens, Zé Antonio, juntamente com alguns conterrâneos residentes no Rio, criou um grupo de Bumba-meu-boi para amenizar as saudades do Maranhão. A brincadeira de fundo de quintal foi aos poucos ganhando fama e arregimentando outros maranhenses. Em 1987 fez sua primeira apresentação pública, contando com amo, vaqueiros e cazumbás fantasiados a caráter. Em 1982, o grupo transformou-se na Associação Folclórica Bumba-meu-boi “Brilho de Lucas”, a qual faz parte, hoje, do calendário de atividades culturais da Prefeitura do Rio.

Em 1996, depois de instalada toda a família, o filho mais velho de D. Anicota e Seu Djalma Castro começou a empreender o percurso de volta. Inspirado na clássica obra do Dr. Ozimo de Carvalho, *Retrato de um Município*, decidiu trabalhar em defesa do meio ambiente e do resgate dos valores culturais de sua terra. Dessa forma, nascia o Congresso Cultural de Viana, realizado anualmente no mês de julho, agora sob a administração da recém-criada Fundação Conceição do Maracú.

Assim, merecidamente, José Antonio Rosa Castro foi eleito para ocupar a Cadeira de nº 22 (patroada por seu ex-professor Egídio Rocha), da Academia Vianense de Letras, cuja posse aconteceu na noite festiva de 21 de maio de 2004.

ONOFRE FERNANDES

Músico vianense tipo exportação

Luiz Alexandre Raposo

Nascido no dia 6 de fevereiro de 1906, Onofre era um dos nove filhos do casal Montano Evaristo Fernandes e Maria da Luz Fernandes. Ao lado dos dois irmãos (Benedito e Manoel) e das seis irmãs (Jerusa, Neusa, Sebastiana, Maria José, Maria de Nazaré e Maria do Socorro) o menino viveu sua infância e adolescência no período em que Viana era conhecida e respeitada, em todo o Estado, como a “Cidade dos Músicos”.

Dessa forma, como acontecia com quase todos os garotos da época, cedo se iniciaria na arte musical. Enquanto cursava o primário pela manhã, estudava música, à tarde, com o Maestro Miguel Dias, no velho sobrado da Praça da Matriz. Segundo América Dias, filha do famoso maestro, o pequeno Onofre iniciou o aprendizado musical tocando bombardino, optando depois pelo trombone de vara lisa.

Aos 21 anos de idade, em 1927, seguindo também o costume entre os jovens músicos vianenses daqueles idos, Onofre transferiu-se para São Luís, a fim de ingressar no 24º Batalhão de Caçadores. Como a profissão de músico ainda não havia sido reconhecida por lei, para o Exército (ou a Polícia Militar) convergiam gerações inteiras de novos músicos em busca da segurança profissional que somente uma instituição militar lhes podia oferecer.

Aceito pelo Exército brasileiro, o jovem Onofre não demorou a ser promovido a músico de 3ª classe (nesse tempo, ainda não eram atribuídos os

títulos de cabo, tenente etc. para os músicos que abraçavam a carreira militar). Em 1930, transferiu-se para o 26º BC na vizinha capital do Pará. Dois anos depois, participaria da famosa campanha constitucionalista de 1932, em São Paulo, antes de ser escalado para servir em Corumbá (atual Mato Grosso do Sul), já como músico de 2ª classe.

No início da década de 40, promovido novamente, agora como músico de 1ª classe, foi designado para servir no Rio de Janeiro, de onde retornaria à capital paraense, pouco tempo depois, para fixar ali residência definitiva. Antes de passar para a reserva remunerada, em 1954, já como 1º tenente, Onofre Fernandes teria seu talento musical mais uma vez reconhecido ao ocupar o cargo de contra-mestre da Banda de Música do 26º Batalhão de Caçadores.

Casado por duas vezes, o músico e militar geraria uma prole de oito filhos. Em 1947, quando se uniu em segundas núpcias, com D. Maria de Lourdes Cantuária Fernandes (com quem viveu até a morte), já era pai de Hidemburgo, Helo-



ísa e Onofre Filho. Com a segunda esposa teria os outros cinco filhos: Bethowen Leopoldo (falecido), Miriam, Vera, Haroldo Leopoldo e Guilherme Leopoldo.

Sem esquecer nunca de exercitar o dom musical, ao se aposentar, o veterano maestro pôde dedicar-se mais à família e às pequenas tarefas que lhe davam prazer, como plantar legumes e hortaliças ou criar patos e galinhas. Solidário, era estimado pelos amigos e vizinhos. Sabia aplicar injeções e fazer curativos em pequenos ferimentos. Ensinou música ainda para três cunhados (que, a seu exemplo, também fizeram carreira como músicos do Exército) e três filhos (Miriam, Bethowen e Haroldo).

Sem conseguir realizar o velho sonho de ver gravada uma de suas músicas, Onofre Fernandes faleceu em Belém, no dia 17 de maio de 1977, aos 71 anos de idade, vítima de enfarto, depois de ter escapado de dois AVCs. Sua última visita à terra natal aconteceu em 1949. Dois de seus irmãos, Benedito (Seu Mano) e D. Socorro Fernandes Gouveia, ainda vivem e residem até hoje em Viana.

Autor de vasta obra musical, onde se destacam inúmeras valsas, dobrados, sambas-choro, marchas e boleros, Onofre Fernandes deixou duas composições dedicadas à cidade que lhe viu nascer. A primeira é uma valsa nostálgica, datada de março de 1927 (provavelmente quando de sua partida), intitulada “**Despedida de Viana**”, cuja letra inicia-se assim: “*Adeus, minha santa terra/ Eu levo tristes paixões/ Em deixar minha Viana querida/ Pais, amigos e irmãos...*” A segunda, composta em Belém e datada de 05/02/1957, é o bolero “**Quando me recordo de Viana**” composição que bem atesta a maturidade musical atingida, por esse tempo, pelo experiente maestro. Segundo depoimento de sua viúva, D. Maria de Lourdes Fernandes, hoje com 82 anos, essa era a composição preferida por ele, pois sempre a cantava e tocava nas horas vagas.

No livro “A Grande Música do Maranhão” do Padre João Mohana, encontram-se relacionadas nada menos que 42 composições de autoria de Onofre Fernandes. Todas essas partituras fazem parte, atualmente, do acervo musical “João Mohana”, à disposição dos pesquisadores no Arquivo Público do Estado do Maranhão, situado à Rua de Nazaré, nº 218 (centro histórico de São Luís).

A Academia Vianense de Letras ao escolher o Maestro Onofre Fernandes como patrono da Cadeira de nº 17, - cujo titular é o também Maestro Raimundo José Nunes Mendonça (Seu Nunes), - prestou merecida e digna homenagem a mais esse inquestionável ícone da música vianense.

Azulejos vianenses destacados em livro

Não é de hoje que tentamos chamar a atenção da Prefeitura e da Câmara Municipal de Viana, como igualmente da comunidade em geral, para a valorização e conservação do que restou do patrimônio arquitetônico colonial da cidade, embora isso nos pareça, às vezes, uma luta inglória.

Além da chamada em destaque, em cada edição deste jornal, para alguns dos prédios do centro histórico, não foram poucos os editoriais publicados em que lamentamos o que foi destruído; reclamamos do abandono relegado a alguns imóveis e, principalmente, exortamos o cuidado para com as raras preciosidades que ainda compõem nosso tênue acervo histórico.

Na edição do *Renascer* nº 11 (novembro de 2005), na página 4, sob o título de “Crime contra o Patrimônio Vianense”, condenamos a irresponsabilidade de alguns candidatos que, em época de eleição, não poupavam as poucas fachadas azulejadas existentes em Viana, para fixação de seus cartazes de propaganda política. Avisamos, ainda na mesma matéria, que uma comissão de técnicos estava de visita agendada para nossa cidade, no primeiro semestre de 2006, com o propósito específico de proceder ao inventário dos azulejos coloniais vianenses. E isso realmente aconteceu, resultando num importante registro impresso sobre o patrimônio azulejar do Maranhão.

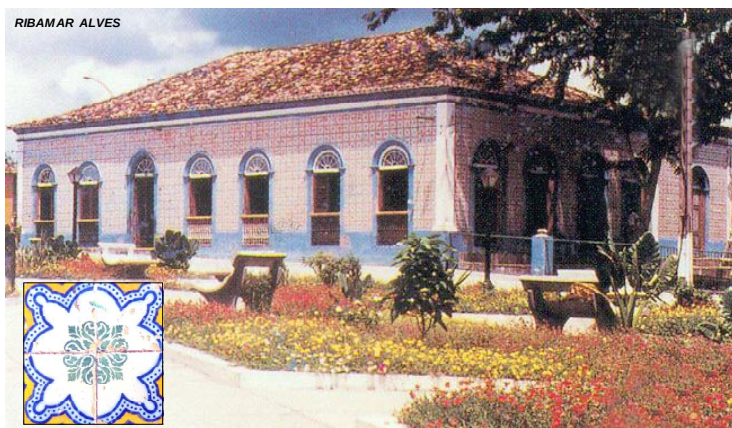
Assim, numa realização da Sociedade dos Amigos do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho e sob o patrocínio da Companhia Vale do Rio Doce, foi publicado recentemente o “**Catálogo dos Azulejos das Cidades Históricas do Maranhão**”, no qual são registrados os azulejos existentes nas cidades de Alcântara, Caxias, Guimarães e Viana.

Este é o terceiro livro ilustrado, de uma série de três publicações, que tem como objetivo a divulgação, o conhecimento e a conservação de uma das maiores riquezas do Maranhão: o seu acervo de azulejos. O levantamento sistemático dessa herança colonial consumiu três anos de paciente trabalho de pesquisa, por parte de estudiosos e equipe técnica do Centro de Criatividade Odylo Costa Filho, que se iniciou em São Luís e hoje alcança os raros municípios do interior maranhense privilegiados por possuírem parte desse acervo.

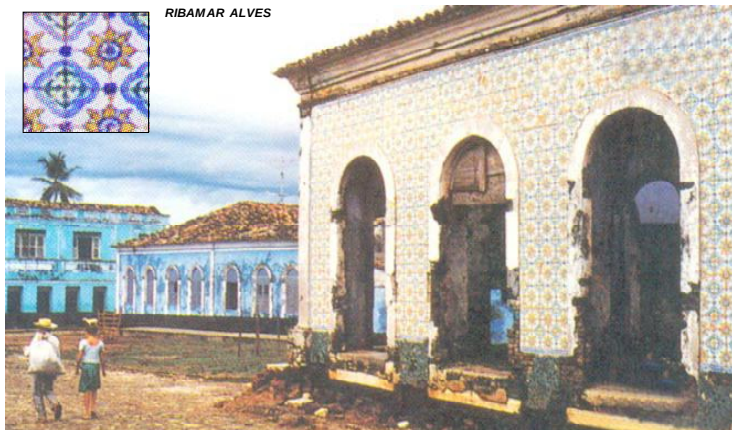
Depois de ter um encarte distribuído gratuitamente pelos jornais “O Imparcial” e “O Estado do Maranhão”, em setembro último, o catálogo (com acabamento de primeira e excelente impressão) traz ainda um CD contendo todo o inventário da azulejaria do Maranhão, isto é, um compacto das três publicações.

Um dos nossos azulejos (mais precisamente da casa do Sr. Estrelinha), mereceu especial destaque, aparecendo na capa da referida publicação (alto à direita), a qual ainda dedica 13 de suas páginas ao registro fotográfico e catalogação da azulejaria vianense.

Um pequeno equívoco cometido pelos autores foi o de apontar Viana como “*outro a terceira cidade mais importante da Baixada Maranhense*”, quando, na verdade, fomos a terceira mais importante do Estado e a primeira da região. Outro fato a lamentar registrado pela citada obra, desta vez por nossa máxima culpa, refere-se às fotos referentes a Viana: somente aqui se percebem as marcas e restos dos cartazes de propa-



Prefeitura de Viana quando ainda ostentava seus azulejos coloniais (detalhe)



Casarão azulejado (antiga sede dos Correios) demolido nos anos 80. No detalhe, o modelo de seus azulejos.

ganda política fixadas sobre os frágeis azulejos.

Para estudantes, simples curiosos ou interessados no assunto, o “**Catálogo dos Azulejos das Cidades Históricas do Maranhão**”, encontra-se à disposição para consultas nos seguintes locais: Bibliote-

ca Pública Municipal “Ozimo de Carvalho”, Biblioteca do Centro de Ensino Prof. Antônio Lopes, Biblioteca do Centro de Ensino Médio N. S. da Conceição, Biblioteca do Centro de Ensino Zilda Dias, Biblioteca do CAIC, Farol da Educação e Centro de Estudo e Pesquisa Isabel Serejo.



Messias Costa Neto
(Médico e ex-prefeito de Viana)
* 21/12/1955 + 26/07/2006

Messias

Carlos Barros

(Vianense e amigo)

Apassionado pela vida, em toda sua dimensão, desejava viver 150 anos. Não imaginava, porém, que viverá para sempre, por todos os séculos, enquanto Viana existir.

Escreveu uma belíssima página de vida, sem nós, manchas ou qualquer outra coisa que possa denegrir sua imagem de bom filho, irmão, pai, avô, marido, amigo, companheiro e cidadão.

É imortal.

Fez opção de vida pelos mais pobres. Da medicina, um sacerdote para salvar vidas, caminhava ao encontro dos necessitados, onde quer que eles estivessem, sem discriminação de qualquer natureza. Da política partidária, a estratégia necessária para construir a base de sustentação da transformação social que realizou em Viana durante 8 anos de profícua gestão como Prefeito Municipal.

Resgatou a dignidade do servidor público ao tempo em que ampliou a quantidade de empregos em todos os setores do governo. Tornou os cargos desejados, pois os salários praticados eram garantia de vida decente.

Incentivou a economia através da valorização do empresário local, concentrando no município o gasto público e, conseqüentemente, produzindo um efeito multiplicador que favoreceu tanto a população local quanto a da região.

Deixou um código para libertação. Pregou o evangelho da liberdade, implantando reformas que contribuíram para melhoria das condições de habitação, de educação, de saúde, de alimentação e de lazer.

Nele, o homem, o político e o médico, comungavam o mesmo espírito de humanidade, probidade, ética, dignidade, simplicidade, humildade e respeito. Atributos que o diferenciavam dos seus semelhantes, e o consagraram um verdadeiro homem público admirado e reconhecido por toda a sociedade.

Missão cumprida, hora de partir, porém não estávamos preparados para a despedida.

Adeus, até a eternidade.

LOURIVAL SEREJO LANÇA NOVO LIVRO

O confrade Lourival Serejo acaba de lançar mais um livro de sua autoria, desta vez voltado para o estudo do Direito Eleitoral. A obra tem o selo da editora Del Rey, de Belo Horizonte, e se intitula PROGRAMA DE DIREITO ELEITORAL.

Lançado antes das eleições, essa obra teve boa receptividade entre os estudiosos do Direito Eleitoral e teve divulgação em todo o país.

A Academia Vianense de Letras se regozija com nosso confrade por mais esse lançamento.

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459
Viana - MA CEP: 65.215-000

